



DO “EU” AO “NÓS”: O DESENVOLVIMENTO DA INTENCIONALIDADE COMPARTILHADA E DO PENSAMENTO OBJETIVO¹

From “i” to “we”: the development of shared intentionality and objective thinking

Viviane Zarembski Braga
Instituto Federal do Tocantins

Resumo: O objetivo deste artigo é o de apresentar como Michael Tomasello explica, à luz da teoria da evolução, o desenvolvimento da intencionalidade compartilhada e os desdobramentos dela na organização da vida humana e no desenvolvimento de um pensamento objetivo. Na primeira parte do artigo, será abordada a formação da intencionalidade compartilhada, tanto do ponto de vista do indivíduo quanto do ponto de vista da espécie. A seguir, veremos como essa capacidade permite o desenvolvimento da habilidade para uma “leitura de mentes” e para a capacidade de metarrepresentar. Estas habilidades nos permitem atribuir intenções a terceiros e ver o mundo pela perspectiva de outro indivíduo. Por fim, veremos que o desenvolvimento destas habilidades possibilitou o desenvolvimento de um pensamento objetivo, ampliou a complexidade das capacidades humanas já existentes (como a linguagem) e possibilitou novas e elevadas formas de sociabilidade e organização, com o desenvolvimento da cultura e da moral.

Palavras-chave Michael Tomasello. Intencionalidade compartilhada. Pensamento objetivo. Interação.

Abstract The aim of this article is to present how Michael Tomasello explains the development of shared intentionality and its consequences in the organization of human life and in the development of objective thought in the light of the theory of evolution. In the first part of the article, the formation of shared intentionality will be addressed, both from the point of view of the individual and from the point of view of the species. Subsequently, we will note how this ability allows for the development of the ability for “mindreading” and the ability to metarepresentation. These skills allow us to assign intentions to others and see the world from another individual’s perspective. Finally, we will observe that the development of these skills enabled the development of objective thinking, expanded the complexity of existing human capacities (such as language), and enabled new and high forms of sociability and organization, with the development of culture and morals.

Keywords Michael Tomasello. Shared Intentionality. Objective Thinking. Interaction

1. Introdução

Uma das habilidades humanas mais distintivas, possibilitada pela linguagem proposicional, é a capacidade de se distanciar da situação imediata e falar sobre coisas, objetos e eventos que não estão presentes no espaço e no tempo; realizar projeções; pesar razões e decidir por ações que, talvez, posterguem um desejo imediato para um benefício futuro maior. Esta capacidade permite também unir meus propósitos aos de outros indivíduos, a fim de obter um ganho maior ou mais duradouro: sobrevivência, proteção do grupo, cooperação com diferentes pares. O indivíduo precisa ter a capacidade de juntar

¹ Este trabalho é parte da pesquisa realizada para minha tese de doutorado, que contou com financiamento da CAPES (Bolsa PROSUC/CAPES).

sua intenção com a intenção de um outro indivíduo, e, também, com a intenção de um grupo de indivíduos, formando uma *intencionalidade compartilhada*. Desenvolver esta capacidade foi possível devido a uma série de alterações no meio ambiente que forçaram os seres humanos a desenvolver diferentes práticas e formas de vida. Ela também exige, a nível individual, maturação e interação social. O objetivo deste artigo é o de apresentar como Michael Tomasello explica, à luz da teoria da evolução, o desenvolvimento da intencionalidade compartilhada e os desdobramentos dela na organização da vida humana e no desenvolvimento de um pensamento objetivo.

2. Intencionalidade: individual, conjunta e coletiva

Michael Tomasello apresenta, em diferentes publicações², a importância da intencionalidade compartilhada para o desenvolvimento de diversas capacidades humanas. Segundo ele, a singularidade humana está na capacidade de cooperação, possível devido à capacidade de unir nossas intenções às intenções de outros agentes, formando diferentes níveis de intencionalidade³:

[...] humans' abilities to cooperate with one another take unique forms because individuals are able to create with one another a shared agent 'we,' operating with shared intentions, shared knowledge, and shared sociomoral values. The claim is that these abilities emerged first in human evolution between collaborative partners operating dyadically in acts of joint intentionality, and then later among individuals as members of a cultural group in acts of collective intentionality.⁴

Tomasello nos fornece o resultado de vários experimentos que apontam o momento do surgimento da intencionalidade compartilhada em crianças. A maior parte dos experimentos foi realizada em crianças e em macacos⁵, a fim de comparar e apontar as diferenças entre a ontogênese dos humanos e a dos grandes símios. Em recente publicação⁶, Tomasello desenvolve uma teoria denominada por ele de Neo-Vygotskyana. Seu objetivo no livro é o de explicar a ontogênese da psicologia exclusivamente humana. Esta explicação parte do pensamento vygotskyano, sob a perspectiva da moderna teoria da evolução. Segundo ele, “Our specific proposal is that the ontogeny of human cognitive and social uniqueness is structured by the maturation of children’s capacities for shared intentionality”⁷. Tentativas de explicar a filogênese da intencionalidade compartilhada são

² TOMASELLO, Michael. *The cultural origins of human cognition*. London: Harvard University Press, 1999.

TOMASELLO, Michael. *Origins of human communication*. Cambridge: The MIT Press, 2008.

TOMASELLO, Michael. *A natural history of human thinking*. Cambridge, London: Harvard University Press, 2014.

³ A noção de intencionalidade discutida por Tomasello não é a noção de intencionalidade discutida na filosofia, muito embora a noção filosófica de intencionalidade esteja presente na noção apresentada por Tomasello, conforme esclarece Abrantes: “Trata-se, em Tomasello, de ‘intenção’ no sentido de uma meta, de colocar-se um objetivo, de fazer algo tendo em vista um fim, seja individualmente seja com outros indivíduos. Entretanto, embora não mencione Brentano, a noção de intencionalidade deste último está implícita nas várias modalidades de pensamento que discute Tomasello, que envolvem a capacidade para representar e para leitura de mentes [...]” (ABRANTES, Paulo C. “Uma mente embebida na cultura”. In: *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea*, Brasília, v. 6, n.1, jul. 2018. <http://periodicos.unb.br/index.php/fmc/article/view/18649/20240> (último acesso em 10/03/2019), p. 21).

⁴ TOMASELLO, Michael. *Becoming human: A theory of ontogeny*. Cambridge, London: Harvard University Press, 2019, p.7.

⁵ Muitos dos experimentos citados em Tomasello (2019) possuem vídeos, que estão disponíveis para visualização no site <http://www.becoming-human.org>.

⁶ TOMASELLO, Michael. *Becoming human: A theory of ontogeny*. Cambridge, London: Harvard University Press, 2019.

⁷ TOMASELLO, Michael. *Becoming human: A theory of ontogeny*. Cambridge, London: Harvard University Press, 2019, p. 8.

apresentadas por ele em outros trabalhos⁸, apresentando, assim, uma visão ampla acerca deste fenômeno.

Segundo Tomasello⁹, os seres humanos possuem três tipos de intencionalidade: *intencionalidade individual*, *intencionalidade conjunta* e *intencionalidade coletiva*. A intencionalidade individual é uma capacidade de reconhecer o outro ser como também dotado de intenção. Tomasello afirma que tanto humanos quanto símios possuem esta característica. As duas outras formas de intencionalidade são exclusivamente humanas e foram possíveis devido a grandes mudanças no ambiente habitado por seres humanos ao longo da evolução. O próximo tópico explica quais foram estas mudanças e os impactos na vida humana.

2.1 A filogênese da intencionalidade compartilhada

Uma das principais diferenças apontadas entre os grandes símios e os primeiros humanos seria a capacidade de cooperação. Sociedades humanas entram com mais frequência em atividades colaborativas, enquanto símios costumam realizar as atividades de maneira mais individual¹⁰. Um dos aspectos destacados por Tomasello é com relação ao cuidado das crias. Ao comparar o comportamento de grandes símios com o de sociedades humanas coletoras, pode-se observar que somente nas sociedades humanas há o cuidado compartilhado das crianças. O cuidado da prole não é realizado somente pelos pais; outros indivíduos do grupo auxiliam no cuidado com as crianças, a fim de que pais e mães possam ser liberados para outras atividades, como a caça. Os indivíduos que ficaram encarregados com o cuidado das crianças esperam que o fruto do trabalho (a busca por comida) seja também compartilhado com eles. Esta mudança de comportamento permite que mais indivíduos estejam engajados no trabalho pela subsistência do grupo.

Esta mudança, de acordo Tomasello¹¹, teve seu primeiro passo com os primeiros humanos, entre 4 e 2 milhões de anos atrás, aproximadamente. O motivo seria uma mudança no ambiente, com o possível aumento de macacos terrestres, que competiam com estes humanos pela comida mais acessível. Isto fez com que os primeiros humanos tivessem que mudar seus hábitos alimentares, buscando estratégias colaborativas para obter alimentos cujo acesso era mais difícil e que, por isso, não estavam disponíveis aos demais animais. Esta hipótese é corroborada por evidências que comprovam que o *Homo heidelbergenses* se alimentava de grandes animais de maneira colaborativa e sistemática. Apesar de a prática ter surgido antes, neste período, por volta de quatrocentos mil anos atrás, ela já estava consolidada. Para Tomasello,

⁸ TOMASELLO, Michael. *A natural history of human thinking*. Cambridge, London: Harvard University Press, 2014.

TOMASELLO, Michael. *A natural history of human morality*. Cambridge, London: Harvard University Press, 2016.

⁹ TOMASELLO, Michael. *A natural history of human thinking*. Cambridge, London: Harvard University Press, 2014.

TOMASELLO, Michael. *A natural history of human morality*. Cambridge, London: Harvard University Press, 2016.

TOMASELLO, Michael. *Becoming human: A theory of ontogeny*. Cambridge, London: Harvard University Press, 2019.

¹⁰ TOMASELLO, Michael. *A natural history of human thinking*. Cambridge, London: Harvard University Press, 2014.

TOMASELLO, Michael. *A natural history of human morality*. Cambridge, London: Harvard University Press, 2016.

¹¹ TOMASELLO, Michael. *A natural history of human thinking*. Cambridge, London: Harvard University Press, 2014.

TOMASELLO, Michael. *A natural history of human morality*. Cambridge, London: Harvard University Press, 2016.

TOMASELLO, Michael. “The role of roles in uniquely human cognition and sociality”. In: *J Theory Soc Behav*, Early View, 2019. <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/jtsb.12223> (último acesso em 20/11/2019).

In these early collaborative activities, early human individuals understood their interdependence - that each needed the other - and this led them to structure their collaborative activities via skills and motivations of joint intentionality: the formation of a joint agency to pursue joint goals via individual roles. As partners were collaborating toward a joint goal, they were jointly attending to things relevant to their joint goal – with each retaining her own individual perspective (and monitoring the other’s perspective) at the same time.¹²

A interdependência e a seleção social provenientes das atividades colaborativas se tornaram estratégias evolutivas estáveis, que contribuíram para o fortalecimento de habilidades colaborativas, bem como para o desenvolvimento da necessidade de parecer um bom parceiro aos olhos dos demais membros do grupo:

The first and most basic point is that humans began a lifestyle in which individuals could not procure their daily sustenance alone but instead were interdependent with others in their foraging activities – which meant that individuals needed to develop the skills and motivations to forage collaboratively or else starve. There was thus direct and immediate selective pressure for skills and motivations for joint collaborative activity (joint intentionality). The second point is that as a natural outcome of this interdependence, individuals began to make evaluative judgments about others as potential collaborative partners: they began to be socially selective, since choosing a poor partner meant less food. Cheaters and laggards were thus selected against, and bullies lost their power to bully. Importantly, this now meant that early human individuals had to worry, in a way that other great apes do not, both about evaluating others and about how others were evaluating them as potential collaborative partners (i.e., a concern for self-image).¹³

Isto significa que, neste momento, ainda não havia algo que poderíamos denominar moral, porque ainda falta uma etapa importante para a moralidade¹⁴. Não há, ainda, uma ideia acerca daquilo que é certo e errado. Há, somente, a necessidade de preservar a imagem de um bom parceiro cooperativo. Esta é a etapa seguinte à intencionalidade individual: a *intencionalidade conjunta*. De acordo com Abrantes¹⁵, “[...] a etapa intermediária da intencionalidade conjunta é importante pois evita um salto da intencionalidade individual para a coletiva, o que contrariaria o gradualismo tão prezado por um tratamento evolutivo darwinista”.

O segundo importante passo, de acordo com Tomasello¹⁶, ocorreu em torno de 200 mil anos atrás, com os humanos modernos, o *Homo sapiens sapiens*. Deste período, temos as primeiras evidências de culturas humanas distintas. Com o crescimento populacional humano, os indivíduos começaram a se agrupar em bandos e a distinção cultural ocorreu devido ao crescimento destes grupos e às disputas entre eles. Conforme explicita Joshua

¹² TOMASELLO, Michael. “The role of roles in uniquely human cognition and sociality”. In: *J Theory Soc Behav*, Early View, 2019. <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/jtsb.12223> (último acesso em 20/11/2019), p. 5.

¹³ TOMASELLO, Michael. *A natural history of human thinking*. Cambridge, London: Harvard University Press, 2014, p. 37.

¹⁴ TOMASELLO, Michael. “Commentary on Philip Pettit’s The Birth of Ethics”. In: PETTIT, Philip. *The birth of ethics: reconstructing the role and nature of morality*. New York: Oxford University Press, 2018, pp. 333-346.

¹⁵ ABRANTES, Paulo C. “Uma mente embebida na cultura”. In: *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea*, Brasília, v. 6, n.1, jul. 2018. <http://periodicos.unb.br/index.php/fmc/article/view/18649/20240> (último acesso em 10/03/2019), p. 22.

¹⁶ TOMASELLO, Michael. *A natural history of human thinking*. Cambridge, London: Harvard University Press, 2014.

TOMASELLO, Michael. *A natural history of human morality*. Cambridge, London: Harvard University Press, 2016.

TOMASELLO, Michael. “The role of roles in uniquely human cognition and sociality”. In: *J Theory Soc Behav*, Early View, 2019. <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/jtsb.12223> (último acesso em 20/11/2019).

Greene¹⁷, “[...] competition is essential for the evolution of cooperation”. Abrantes afirma que sistemas intencionais evoluíram graças às dificuldades para a sobrevivência; a pressão evolutiva fez com que animais com comportamento mais variável tivessem vantagem sobre os demais:

A tese da complexidade ambiental sugere [...] uma história: determinados ambientes teriam exercido pressão seletiva a favor de uma maior plasticidade comportamental – isto é, a favor de sistemas capazes de variar o seu comportamento em resposta a variações ambientais relevantes para cada um deles.¹⁸

A atitude cooperativa teve grandes avanços quando os grupos foram expostos a perigos e precisaram organizar estratégias cooperativas para a própria sobrevivência. A disputa por comida e espaço fez com que os humanos começassem a desenvolver características culturais específicas em seus respectivos grupos. Isto fez com que os grupos se distinguíssem entre si e pudessem identificar quem pertencia ao grupo e “os outros”; também auxiliou na identificação dos indivíduos que contribuíam para a manutenção do grupo, realizando suas tarefas, e aqueles que não agiam de maneira adequada para garantir a estabilidade do grupo, bem como identificar *free riders*, indivíduos que não compartilhavam dos mesmos valores do grupo, mas pretendiam se beneficiar da estabilidade e segurança oferecidas por ele. Os grupos passaram a se organizar como tribos distintas, com regras, normas, organização e alimentação próprias – um conjunto de práticas culturais conhecidas por todos os indivíduos pertencentes à tribo. Estudos indicam que mudanças na forma de organização social, no desenvolvimento da linguagem e no desenvolvimento de regras sociais ocorreram em um período histórico próximo. Porém, não é possível apontar com precisão quando esses fatos ocorreram. Mesmo quando temos períodos aproximados, estas datas podem mudar de acordo com as posições defendidas. Para Tomasello¹⁹, estas mudanças ocorreram em torno de 200 mil anos atrás; para Dunbar²⁰, elas ocorreram entre 500 e 40 mil anos atrás; e para Everett²¹, estas mudanças iniciaram ainda com o *Homo erectus*, há mais de um milhão de anos. Apesar da discordância com relação ao momento em que ocorreram, os autores concordam que estas mudanças foram decisivas. Segundo Tomasello, a organização dos grupos em tribos distintas foi imprescindível para desenvolver habilidades necessárias para a intencionalidade compartilhada:

Knowledge of these cultural practices was not just in the personal common ground of two individuals who had interacted in the appropriate circumstances previously, as with early humans, but rather such knowledge was in the cultural common ground of the group: each individual knew that all other members of the group knew these things and knew that they knew them as well even if they had never before met. Making such cultural practices formal and explicit in the public

¹⁷ GREENE, Joshua. *Moral Tribes: emotion, reason and the gap between us and them*. New York: The Penguin Press, 2013, p. 24.

¹⁸ ABRANTES, Paulo C. “A psicologia de senso comum em cenários para a evolução humana”. In: *Manuscrito – Rev. Int. Fil.*, Campinas, v. 29, n. 1, pp. 185-257, jan.-jun. 2006. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/manuscrito/article/view/8643682/11198> (último acesso em 15/11/2019), p. 215.

¹⁹ TOMASELLO, Michael. *A natural history of human thinking*. Cambridge, London: Harvard University Press, 2014.

TOMASELLO, Michael. *A natural history of human morality*. Cambridge, London: Harvard University Press, 2016.

TOMASELLO, Michael. “The role of roles in uniquely human cognition and sociality”. In: *J Theory Soc Behav*, Early View, 2019. <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/jtsb.12223> (último acesso em 20/11/2019).

²⁰ DUNBAR, Robin. “Culture, honesty and the freerider problem”. In: DUNBAR, Robin; KNIGHT, Chris; POWER, Camilla (ed.). *The evolution of culture: An interdisciplinary view*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1999. pp. 194-213.

²¹ EVERETT, Daniel L. *How language began: the history of humanity’s greatest invention*. New York: Liveright Publishing Corporation, 2017.

space turned them into full-blown cultural institutions, with well-defined roles (from professional roles to the most basic role of simply being a group member in good standing) that must be played for their maintenance. The new cognitive skills and motivations underlying the shift to truly cultural lifeways were thus not between individuals but between the individual and the group – involving a kind of collective agency - and so may be referred to as collective intentionality.²²

A sobrevivência própria e do grupo dependia em grande medida do compartilhamento de informações. Para isso, conseguir compartilhar informações, convencer outros sobre seus atos e crenças e identificar informações seguras se torna imprescindível. A capacidade humana de dar razões surge desta necessidade²³. É preciso convencer outros sobre as informações dadas e sobre a sua lealdade ao grupo. Ao apresentar razões, os indivíduos apelam a explicações que não devem ser entendidas só como boas para mim. As razões devem poder valer para todos os indivíduos envolvidos. Esta capacidade exige que pensemos de um ponto de vista do que é bom para todos; exige o desenvolvimento de um pensamento objetivo. Esta nova forma de organização trouxe para a vida humana a objetividade. As normas, regras e todo o conhecimento cultural de um grupo é visto como algo objetivo. É algo que todos conhecem, que faz parte daquilo que “nós” conhecemos como realidade. Quando apresento razões e apelo às razões alheias, estou apelando a razões que acredito ou pretendo serem objetivas, razões que valem igualmente para todos.

Junto à explicação evolutiva, Tomasello também busca explicar como os indivíduos desenvolvem a intencionalidade compartilhada a nível individual. Vejamos agora como é possível explicar a ontogênese da intencionalidade compartilhada.

2.2 A ontogênese da intencionalidade compartilhada

Como dito anteriormente, a fim de compreender a ontogênese da intencionalidade compartilhada, Tomasello e sua equipe realiza pesquisas em humanos e em grandes símios. Há sempre a tentativa de criar experimentos correlatos para ambas as espécies, mas nem sempre é possível. Tomasello²⁴ reconhece as limitações e fraquezas destas pesquisas, mas também reconhece que o campo tem feito bons avanços para superar estas dificuldades. Apesar destas limitações, é possível apontar com precisão momentos cruciais no desenvolvimento das crianças para a formação da intencionalidade compartilhada.

²² TOMASELLO, Michael. “The role of roles in uniquely human cognition and sociality”. In: *J Theory Soc Behav*, Early View, 2019. <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/jtsb.12223> (último acesso em 20/11/2019), p. 5.

²³ Tomasello (TOMASELLO, Michael. *Becoming human: A theory of ontogeny*. Cambridge, London: Harvard University Press, 2019.) recorre aqui à Teoria Argumentativa do Raciocínio, de Mercier e Sperber (MERCIER, Hugo; SPERBER, Dan. “Why do humans reason? Arguments for an argumentative theory”. In: *Behavioral and Brain Sciences* v. 34, 2011, pp. 57-111 <https://www.dan.sperber.fr/wp-content/uploads/2009/10/MercierSperberWhydohumansreason.pdf> (último acesso em 26/02/2019); MERCIER, Hugo; SPERBER, Dan. “Reasoning as a social competence”. In: H. Landemore, H.; Elster, J. (eds.). *Collective Wisdom: Principles and Mechanisms*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. pp. 368-392. http://www.dan.sperber.fr/wp-content/uploads/2012_mercier_reasoning-as-a-social-competence.pdf (último acesso em 25/12/2019); MERCIER, Hugo; SPERBER, Dan. *The Enigma of Reason*. Cambridge, Massachusetts, 2017), para os quais a capacidade de dar razões surge deste contexto. Para Mercier e Sperber, foi justamente o aumento do tamanho dos grupos sociais que favoreceu o desenvolvimento da capacidade de dar razões. Nos grandes grupos, os indivíduos precisavam ter a habilidade de justificar suas intenções ou comportamentos por meio de argumentos, que poderiam ser avaliados pelos demais. Indivíduos ou grupos que conseguiram desenvolver melhor a argumentação e que conseguiram desenvolver melhor a capacidade de avaliar os argumentos alheios tinham vantagem sobre os demais: poderiam tanto evitar perigos quanto promover a sobrevivência do grupo. A capacidade de dar razões é vista, dentro desta teoria, como uma função primeiramente social, pois auxilia os indivíduos a manter o grupo em segurança e cria mecanismos de detecção e punição para comportamentos nocivos.

²⁴ TOMASELLO, Michael. *Becoming human: A theory of ontogeny*. Cambridge, London: Harvard University Press, 2019.

Segundo Tomasello²⁵, no primeiro ano de vida já observamos características únicas nos humanos. Uma delas é a capacidade de compartilhar emoções já na primeira infância por meio da protoconversaço. Para Tomasello e Gonzalez-Cabrera²⁶, “[...] the adaptive function of these unique infant behaviors is, plausibly, to secure adult care, feeding, and other forms of attention by sharing positive emotional states, which are reinforcing to both parties”. O segundo grande evento se passa em torno dos nove meses de idade:

[...] at around nine months of age infants begin to understand others as intentional agents who have goals and perceptions toward the world (as do other great apes, albeit with other apes this understanding comes at a somewhat later age). The emergence of joint attention may thus be seen as the coming together of a general great ape developmental pathway of individual intentionality and a uniquely human developmental pathway for sharing psychological states with others. This synergy represents nothing less than the birth of shared intentionality.²⁷

Esta nova habilidade é percebida²⁸ pelos atos de acompanhar os outros indivíduos pelo olhar (habilidade que os grandes símios também apresentam desde cedo), mas também de apontar e oferecer objetos aos demais indivíduos, numa postura mais ativa de troca de experiências com outras pessoas, como forma de compartilhar sentimentos e emoções. Os bebês apontam, compartilham e auxiliam adultos mais frequentemente que o fazem com outros bebês da mesma idade. Isto ocorre porque os bebês precisam se destacar das demais crianças, para ganhar a atenção e o cuidado dos adultos. As crianças que tiverem mais habilidade em chamar a atenção dos adultos serão mais bem cuidadas e receberão mais atenção. O mais importante da “revoluçáo dos nove meses de idade”²⁹ é que os bebês adquirem a capacidade de formar uma espécie de “agente compartilhado”, pois eles passam a perceber que ambos podem realizar e experienciar algo conjuntamente, formando um “nós”. A atenção conjunta exige que os bebês compreendam que veem e compartilham a mesma situação, mas o fazem sob diferentes perspectivas. Segundo Tomasello,

Joint attention and perspectives thus come as a psychological package, since without joint attention, there is no common object on which the two of us may have different perspectives; we just see different things [...]. This manner of social engagement has been called the ‘dual-level structure’ of shared intentionality because it simultaneously encompasses a shared focus on something and individual perspectives on it [...].³⁰

Esta habilidade não requer nenhuma instruçáo ou ensino especial, ocorrendo naturalmente durante o processo de desenvolvimento social e cognitivo dos seres humanos. Tomasello afirma que

²⁵ TOMASELLO, Michael. *Becoming human: A theory of ontogeny*. Cambridge, London: Harvard University Press, 2019.

²⁶ TOMASELLO, Michael; GONZALEZ-CABRERA, Ivan. “The Role of Ontogeny in the Evolution of Human Cooperation”. In: *Human Nature*, v. 28, n. 3, pp. 274-288, Setembro 2017. <https://link.springer.com/article/10.1007%2Fs12110-017-9291-1> (último acesso em 04/08/2018), p. 280.

²⁷ TOMASELLO, Michael. *Becoming human: A theory of ontogeny*. Cambridge, London: Harvard University Press, 2019, p. 56.

²⁸ TOMASELLO, Michael; GONZALEZ-CABRERA, Ivan. “The Role of Ontogeny in the Evolution of Human Cooperation”. In: *Human Nature*, v. 28, n. 3, pp. 274-288, Setembro 2017. <https://link.springer.com/article/10.1007%2Fs12110-017-9291-1> (último acesso em 04/08/2018).

²⁹ TOMASELLO, Michael. *Becoming human: A theory of ontogeny*. Cambridge, London: Harvard University Press, 2019.

³⁰ TOMASELLO, Michael. “How children come to understand false beliefs: A shared intentionality account”. In: *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 115, n. 34, pp. 8491-8498, Agosto 2018. <https://www.pnas.org/content/pnas/115/34/8491.full.pdf> (último acesso em 14/11/2019), p. 8494.

This account of the early ontogeny of human social cognition is thus not nativistic – although it invokes the maturation of uniquely human capacities as an integral part of the process – but neither does it imagine that children learn these basic capacities from adult instruction. The account is rather constructivist, requiring both the maturation of uniquely human capacities and the unique kinds of experience that these new capacities make possible. Required as well is an executive level in which various subjective perspectives may be coordinated with each other and with an objective perspective and new concepts constructed.³¹

Em contraste com outros primatas, crianças desmamam alguns anos mais cedo, mas precisam continuar com o constante cuidado de adultos até a adolescência. Esta necessidade de atenção e cuidado faz com que as crianças continuem tendo que angariar atenção dos adultos. Uma das formas de o fazer é tornando-se úteis aos adultos em determinadas atividades. As crianças se engajam com muita frequência em atividades de auxílio aos seus cuidadores, atuando cooperativamente. Estas interações são, porém, assimétricas, porque as crianças interagem com um indivíduo adulto que possui maior conhecimento e habilidades do que elas e, portanto, possui também poder sobre elas. Esta assimetria é compensada quando crianças na primeira e segunda infância começam a atuar cada vez mais em interações simétricas, com crianças de idade similar. Este processo é chamado por Tomasello e Gonzalez-Cabrera³² de “o mundo dos pares”, visto que um novo mundo de relações se abre para as crianças durante este período. Neste mundo dos pares, as crianças aprendem a agir “como adultos”, já que precisam lidar com pares com as mesmas capacidades e habilidades que elas, em relações simétricas e não baseadas em uma autoridade sobre elas. Nestas relações, elas aprendem a negociar, estabelecer regras e prioridades, manter as promessas feitas, fazer acordos, trabalhar cooperativamente, superar dificuldades, tratar os demais com justiça etc. Crianças na primeira e média infância se importam com a avaliação que outros fazem sobre elas e, na interação com os pares elas aprendem, principalmente, a *antecipar* a avaliação dos seus pares. Com isto, “[...] children do not have to try out things and get feedback on how others view them; rather they self-regulate their own behavior by anticipating how others will assess it”³³. Crianças que desenvolvem melhor estas habilidades, que são melhores pares cooperativos – não somente cumprindo as normas, mas também antecipando o julgamento negativo e portanto ajustando o comportamento para a avaliação positiva –, obtêm vantagem sobre aquelas que não o são, já que maus parceiros são punidos pela sua falta de cooperação: “They know this, and so they develop a kind of cooperative identity - simultaneously a social persona and an internalized sense of self - for social interactions with peers”³⁴. Há evidências que apontam a atitude colaborativa em crianças com menos de três anos de idade. Idade na qual essas crianças ainda não conseguem compreender as instituições culturais e sociais, mas podem compreender a noção de papéis colaborativos³⁵.

Em oposição ao que poderia resultar da interação com adultos, visto que estes ocupam lugares de legisladores superiores, a interação com seus pares faz com que as crianças sintam as punições ou obrigações como algo criado por “nós”, ao contrário de

³¹ TOMASELLO, Michael. *Becoming human: A theory of ontogeny*. Cambridge, London: Harvard University Press, 2019, p.89.

³² TOMASELLO, Michael; GONZALEZ-CABRERA, Ivan. “The Role of Ontogeny in the Evolution of Human Cooperation”. In: *Human Nature*, v. 28, n. 3, pp. 274-288, Setembro 2017. <https://link.springer.com/article/10.1007%2Fs12110-017-9291-1> (último acesso em 04/08/2018), p. 282.

³³ TOMASELLO, Michael; GONZALEZ-CABRERA, Ivan. “The Role of Ontogeny in the Evolution of Human Cooperation”. In: *Human Nature*, v. 28, n. 3, pp. 274-288, Setembro 2017. <https://link.springer.com/article/10.1007%2Fs12110-017-9291-1> (último acesso em 04/08/2018), p. 283.

³⁴ TOMASELLO, Michael; GONZALEZ-CABRERA, Ivan. “The Role of Ontogeny in the Evolution of Human Cooperation”. In: *Human Nature*, v. 28, n. 3, pp. 274-288, Setembro 2017. <https://link.springer.com/article/10.1007%2Fs12110-017-9291-1> (último acesso em 04/08/2018), p. 283.

³⁵ TOMASELLO, Michael. *Becoming human: A theory of ontogeny*. Cambridge, London: Harvard University Press, 2019

TOMASELLO, Michael. “The role of roles in uniquely human cognition and sociality”. In: *J Theory Soc Behav*, Early View, 2019. <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/jtsb.12223> (último acesso em 20/11/2019).

regras criadas por terceiros³⁶. Neste caso, agir segundo as regras não é visto como uma imposição heterônoma, porque as regras seguidas foram acordadas por uma espécie de agente coletivo, do qual a criança faz parte. Para Tomasello³⁷, esta identidade cooperativa leva a uma nova forma de racionalidade cooperativa.

Como é possível perceber, a interação das crianças com seus pares contribui para o desenvolvimento de duas características cruciais aos humanos: uma espécie de capacidade para a “leitura de mentes” e a habilidade de desenvolver um pensamento objetivo.

3. A capacidade de metarrepresentar

We learn a lot about the world by discovering what other people think about it. Mindreading provides a window on the world at large.³⁸

Uma das características que diferencia os humanos dos outros animais é a capacidade para uma Teoria da Mente (ToM), também chamada de “leitura de mentes”, ou seja, uma capacidade para compreender estados mentais de outros indivíduos. Muitos autores (dentre eles MAMELI³⁹; SPERBER⁴⁰; DUNBAR⁴¹) sugerem que a capacidade para uma leitura de mentes é anterior a outras capacidades e, portanto, um dos pontos chave de diferenciação entre humanos e outros animais, visto que ela é necessária para desenvolver outras capacidades como a linguagem, a cultura, o aprendizado etc. A capacidade de realizar uma “leitura da mente” nos permite compreender, ler e interpretar as intenções de outros indivíduos e seres, de prever ações e de antecipar acontecimentos, fornecendo-nos uma intencionalidade de segunda ordem:

Eu incluo na categoria ‘condição humana’ a intuição de senso comum, destacada pelos filósofos, de que além de sermos agentes somos também intérpretes. Agentes são sistemas intencionais de primeira ordem, ou seja, sistemas cognitivos cujo comportamento é causado por estados mentais com conteúdo (como os de crença e desejo). Intérpretes, por sua vez, são agentes capazes de (pelo menos) uma segunda ordem de intencionalidade, ou seja, de representar representações (representar, por exemplo, os estados mentais de outros supostos agentes).⁴²

Esta capacidade é adquirida por volta de 3 a 5 anos de idade⁴³. Crianças com autismo e outras síndromes relacionadas ao autismo, como a de Asperger, por exemplo,

³⁶ TOMASELLO, Michael; GONZALEZ-CABRERA, Ivan. “The Role of Ontogeny in the Evolution of Human Cooperation”. In: *Human Nature*, v. 28, n. 3, pp. 274-288, Setembro 2017. <https://link.springer.com/article/10.1007%2Fs12110-017-9291-1> (último acesso em 04/08/2018).

TOMASELLO, Michael. *A natural history of human morality*. Cambridge, London: Harvard University Press, 2016.

³⁷ TOMASELLO, Michael. *A natural history of human morality*. Cambridge, London: Harvard University Press, 2016.

³⁸ MERCIER, Hugo; SPERBER, Dan. *The Enigma of Reason*. Cambridge, Massachusetts, 2017, p. 104.

³⁹ MAMELI, Matteo. “Mindreading, Mindshaping, and Evolution”. In: *Biology and Philosophy*, Netherlands, v. 16, n. 3, pp. 597-628, 2001. <https://link.springer.com/article/10.1023%2FA%3A1012203830990> (último acesso em 10/11/2019).

⁴⁰ SPERBER, Dan. “Metarepresentations in an Evolutionary Perspective”. In: SPERBER, Dan (Ed.). *Metarepresentations: a multidisciplinary perspective*. New York: Oxford University Press, 2000. pp. 117-137.

⁴¹ DUNBAR, Robin. “On the origin of the human mind”. In: CARRUTHERS, Peter; CHAMBERLAIN, Andrew (Eds.). *Evolution and the human mind: modularity, language and meta-cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. pp. 238-253.

⁴² ABRANTES, Paulo C. “Natureza e cultura”. In: *Ciência & Ambiente*, Santa Maria, n. 48, pp. 7-21, jan./jun. 2014. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/19403> (último acesso em 11/11/2019), p. 14.

⁴³ DUNBAR, Robin. “On the origin of the human mind”. In: CARRUTHERS, Peter; CHAMBERLAIN, Andrew (Eds.). *Evolution and the human mind: modularity, language and meta-cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. pp. 238-253.

apresentam dificuldades no desenvolvimento desta capacidade. Segundo Dunbar⁴⁴, um dos pontos cruciais apontados nos estudos sobre ToM é que crianças com 5 anos de idade são capazes de identificar crenças falsas em outras pessoas⁴⁵. Elas reconhecem que há diferentes pontos de vista sobre um evento e que talvez outro indivíduo possua uma crença falsa sobre um evento do mundo, tornando-se capazes de ver o mundo sob o ponto de vista de outra pessoa. Assim, o reconhecimento de crenças falsas se tornou um marco no estudo da ToM. De acordo com Tomasello,

The infant is attending not only to the adult’s attention to the object, but also to the adult’s attention to her attention to the object, and to the adult’s attention to her attention to the adult’s attention to the object, and so on. It is not that the infant engages in this kind of recursive thinking explicitly, but that the underlying structure of joint attention means that they both know together that they both are attending to the same thing. They are sharing experience.⁴⁶

Para Origgi e Sperber⁴⁷, a capacidade para uma leitura de mentes é necessária para o desenvolvimento de diferentes níveis de metarrepresentação. Com relação aos estudos de crenças falsas, trata-se de uma metarrepresentação de primeira ordem. Quando se trata da crença de um indivíduo acerca de um evento, estamos falando sobre uma metarrepresentação de segunda ordem⁴⁸. A capacidade metarrepresentacional é uma capacidade de representação recursiva, por exemplo: Carlos deseja que Ana acredite que ele sabe de alguma informação privilegiada, ou Carlos supõe que Ana acredita que Carlos sabe que Ana tem alguma informação privilegiada. Dennett⁴⁹ também afirma que é a capacidade de metarrepresentar que possibilita uma espécie de *representação florida*, que pode ser uma representação sobre algo completamente improvável, que o indivíduo sabe que é uma representação⁵⁰.

TOMASELLO, Michael. “How children come to understand false beliefs: A shared intentionality account”. In: *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 115, n. 34, pp. 8491-8498. Agosto 2018. <https://www.pnas.org/content/pnas/115/34/8491.full.pdf> (último acesso em 14/11/2019).

⁴⁴ DUNBAR, Robin. “On the origin of the human mind”. In: CARRUTHERS, Peter; CHAMBERLAIN, Andrew (Eds). *Evolution and the human mind: modularity, language and meta-cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 239.

⁴⁵ Tomasello (TOMASELLO, Michael. “How children come to understand false beliefs: A shared intentionality account”. In: *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 115, n. 34, pp. 8491-8498. Agosto 2018. <https://www.pnas.org/content/pnas/115/34/8491.full.pdf> [último acesso em 14/11/2019]) destaca que esta capacidade não está plenamente desenvolvida em crianças de 3 anos de idade. Ele relata experimentos realizados com crianças nesta idade, que cometem um erro que não havia aparecido em idades menores. Quando um objeto é trocado de lugar sem o conhecimento do adulto, a criança espera que o adulto procure o objeto no novo local, local que ela conhece, mas que o adulto não. Este erro não ocorre com crianças menores, já que estas esperam que o objeto seja procurado no local usual. Tomasello acredita que o erro ocorre com crianças de três anos de idade porque elas estão ainda desenvolvendo a noção de perspectiva. E isto faz com que elas “se confundam” ainda com as diferentes perspectivas, não conseguindo diferenciar adequadamente entre as perspectivas delas próprias e a de outros indivíduos. Crianças menores não possuem esta noção de perspectiva e, portanto, não esperam que o adulto vá procurar o objeto em outro lugar que não o já conhecido anteriormente. As crianças de 5 anos, em contrapartida, reconhecem que o adulto possui uma crença falsa porque não possui todas as informações que ela possui.

⁴⁶ TOMASELLO, Michael. *Becoming human: A theory of ontogeny*. Cambridge, London: Harvard University Press, 2019, p. 56.

⁴⁷ ORIGGI, Gloria; SPERBER, Dan. “Evolution, communication and the function of language”. In: CARRUTHERS, Peter; CHAMBERLAIN, Andrew (Eds). *Evolution and the human mind: modularity, language and meta-cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. pp. 140-169.

⁴⁸ Dennett (DENNETT, Daniel C. “Intentional systems in cognitive ethology: the ‘panglossian paradigm’ defended”. In: *Behavioural and Brain Sciences*, v. 6, pp. 343-90, 1983. <https://ase.tufts.edu/cogstud/dennett/papers/Intentionalsystems1983.pdf> [último acesso em 10/10/2019]) sugere que a recursividade do pensamento é infinita.

⁴⁹ DENNETT, Daniel C. “Making Tools for Thinking”. In: SPERBER, Dan (Ed.). *Metarepresentations: a multidisciplinary perspective*. New York: Oxford University Press, 2000. pp. 17-29.

⁵⁰ DUNBAR, Robin. “On the origin of the human mind”. In: CARRUTHERS, Peter; CHAMBERLAIN, Andrew (Eds). *Evolution and the human mind: modularity, language and meta-cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. pp. 238-253) afirma que esta habilidade (justamente por ser ela que permite representar

What makes it florid, one sees dimly, is that it is deliberate representing, knowing representing, even self-conscious representing. It seems you cannot engage in florid representing without knowing and appreciating that you are engaging in florid representing.⁵¹

Do ponto de vista evolutivo, esta capacidade torna os indivíduos mais bem-sucedidos em suas interações, auxiliando-os nas atividades cooperativas e competitivas:

The ability to interpret the behaviour of intelligent conspecifics not just as bodily movement but as action guided by beliefs and desires gives one a much-enhanced predictive power. Predicting the behaviour of others helps to protect oneself from them, to compete successfully with them, to exploit them, or to co-operate more profitably with them. A metarepresentational ability is plausible as an adaptation quite independently of communication.⁵²

Sperber considera, portanto, que a capacidade metarrepresentacional é anterior à linguagem e necessária para o desenvolvimento dela, já que muito do que compõe a comunicação vai além do uso de palavras e exige dos falantes a interpretação de todo o contexto. A metarrepresentação criou as condições favoráveis para o desenvolvimento da linguagem:

[...] there is a plausible scenario where a metarepresentational ability develops in the ancestral species for reasons having to do with competition, exploitation, and co-operation and not with communication per se. This metarepresentational ability makes a form of inferential communication possible initially as a side effect and, probably, rather painstakingly at first. The beneficial character of this side effect turns it into a function of metarepresentations and creates a favorable environment for the evolution of a new adaptation, a linguistic ability. Once this linguistic ability develops, a co-evolutionary mutual enhancement of both abilities is easy enough to imagine.⁵³

Muitos autores explicam o desenvolvimento da capacidade metarrepresentacional por meio da hipótese da inteligência social (ABRANTES⁵⁴; MAMELI⁵⁵). Segundo Mameli⁵⁶, indivíduos aptos a realizar uma leitura de mentes teriam tido mais sucesso de sobrevivência e teriam tornado as sociedades mais complexas. Para ele, este processo ocorreu com diferentes primatas, atingindo seu ápice com os humanos. Conforme Abrantes,

conscientemente situações não reais) tem consequências inclusive para a literatura, visto que as pessoas, de modo geral, têm mais familiaridade com contextos de até 4 ordens recursivas e menos facilidade com contextos de ordens recursivas mais elevadas. Os escritores, via de regra, precisam ter habilidade com uma ordem recursiva maior e oferecer ao público uma ordem de até quatro níveis. Uma literatura mais sofisticada, segundo ele, exige maior grau de complexidade de escritor e leitor.

⁵¹ DENNETT, Daniel C. “Making Tools for Thinking”. In: SPERBER, Dan (Ed.). *Metarepresentations: a multidisciplinary perspective* New York: Oxford University Press, 2000. p. 18.

⁵² SPERBER, Dan. “Metarepresentations in an Evolutionary Perspective”. In: SPERBER, Dan (Ed.). *Metarepresentations: a multidisciplinary perspective* New York: Oxford University Press, 2000. p. 123.

⁵³ SPERBER, Dan. “Metarepresentations in an Evolutionary Perspective”. In: SPERBER, Dan (Ed.). *Metarepresentations: a multidisciplinary perspective* New York: Oxford University Press, 2000. p.127.

⁵⁴ ABRANTES, Paulo C. “Evolução humana: estudos filosóficos”. In: *Rev. Filos. Aurora*, Curitiba, v. 25, n. 36, pp. 75-105, jan./-jun. 2013. <https://periodicos.pucpr.br/index.php/aurora/article/view/583/514> (último acesso em 11/11/2019).

⁵⁵ MAMELI, Matteo. “Modules and Mindreaders”. In: *Biology and Philosophy*, Netherlands, v. 16, n. 3, pp. 377–393, 2001. <https://link.springer.com/article/10.1023%2FA%3A1010605410437>(último acesso em 10/11/2019).

⁵⁶ MAMELI, Matteo. “Modules and Mindreaders”. In: *Biology and Philosophy*, Netherlands, v. 16, n. 3, pp. 377–393, 2001. <https://link.springer.com/article/10.1023%2FA%3A1010605410437>(último acesso em 10/11/2019), p. 387.

A hipótese da inteligência social é [...] invocada para explicar, sobretudo, a evolução dos nossos hábitos de interpretação (da capacidade para a leitura de mentes). O cenário seria, portanto, o seguinte: agentes (sistemas intencionais) têm um comportamento mais plástico que outros tipos de sistemas cognitivos. Um ambiente social no qual existem agentes é mais complexo do que aqueles onde se lida com um tipo menos sofisticado de sistema cognitivo. A maior complexidade do ambiente social (que está associada à imprevisibilidade do comportamento dos agentes que o integram) gera (novas) pressões para que evoluam capacidades de leitura de mentes, por sua maior eficiência na previsão do comportamento.⁵⁷

Como é possível perceber, este momento no desenvolvimento dos indivíduos possibilita o desenvolvimento de diferentes perspectivas, bem como o desenvolvimento de um pensamento objetivo, que não está relacionado às perspectivas dos agentes envolvidos na situação. Veremos, agora, como é possível explicar o desenvolvimento do pensamento objetivo.

4. Perspectiva: tornando-se “objetivo”

No mesmo período em que começa a se formar a capacidade de uma leitura de mentes, também começa a se formar a capacidade de compreender o mundo sob um ponto de vista objetivo. Pesquisas indicam que o processo se inicia aos três anos de idade: “A wealth of data suggests that in many activities this occurs at around 3 y of age; that is, at this age children begin to understand things objectively, from the perspective of ‘anyone’⁵⁸. Para Tomasello, este processo é o que diferencia a realidade humana da realidade dos outros grandes símios:

A chimpanzee sees a monkey escaping, and he knows that his conspecific sitting next to him sees the monkey escaping also. The conspecific knows the same of his partner. They both are attending to the monkey escaping, and each knows that the other is too. But they are not jointly attending to it; they are not attending to it together as a ‘we’ Two humans in that same situation could, if so motivated, attend to the monkey escaping together in joint attention. This creates between the two of them a kind of shared world, within which they each distinguish their two perspectives. They each also understand that both of their perspectives — that is, their beliefs — on the situation could potentially contrast with an objective (perspectiveless) view of it. Welcome to human reality.⁵⁹

Esta capacidade ocorre neste período porque, como visto acima, as crianças desenvolveram o aparato biológico necessário para esta habilidade, mas, principalmente, participaram de interações sociais que tornam esta capacidade possível. Estas interações sociais se dão por meio de interação com adultos e também com seus pares:

In terms of the respective roles of maturation and experience in all of this, the clear pattern is, not surprisingly, that the earlier skills and motivations of joint intentionality are more maturational and less plastic, whereas the later skills and motivations of collective intentionality can only come into being in individuals who have certain kinds of social and communicative interactions with others. But even in this latter case, we are not talking about adult instruction or socialization; rather, children construct, or co-construct, from their sociocultural experiences,

⁵⁷ ABRANTES, Paulo C. “Evolução humana: estudos filosóficos”. In: *Rev. Filos. Aurora*, Curitiba, v. 25, n. 36, pp. 75-105, jan./jun. 2013. <https://periodicos.pucpr.br/index.php/aurora/article/view/583/514> (último acesso em 11/11/2019), p. 83.

⁵⁸ TOMASELLO, Michael. “How children come to understand false beliefs: A shared intentionality account”. In: *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 115, n. 34, pp. 8491-8498. Agosto 2018. <https://www.pnas.org/content/pnas/115/34/8491.full.pdf> (último acesso em 14/11/2019), p. 8494.

⁵⁹ TOMASELLO, Michael. *Becoming human: A theory of ontogeny*. Cambridge, London: Harvard University Press, 2019, p. 82.

and the general nature of these constructions is set by the developmental level of the children’s skills and motivations of shared intentionality.⁶⁰

Do ponto de vista da evolução da espécie, Tomasello⁶¹ acredita que essa capacidade objetiva é parte de uma adaptação humana para a cultura. Ele acredita a necessidade de um pensamento objetivo à emergência de grupos culturais. Segundo ele⁶², os primeiros humanos viviam e interagiam em conjunto; já os humanos modernos vivem e interagem coletivamente. A mudança ocorreu, provavelmente, em virtude de alguma pressão demográfica que exigiu o desenvolvimento de habilidades sociais mais elaboradas e selecionou os indivíduos que as possuíam:

Human culture is the form of social organization that arose in the human lineage in response to specific adaptative challenges. Its most distinctive characteristic is its high degree (and new forms) of cooperation. Synchronically, the members of a cultural group coordinate with one another in the context of self-created cooperative structures such as conventions (including linguistic conventions), norms, and institutions, and they relate to one another based on cooperative motives such as trust, commitment, and fairness.⁶³

De gestos para a coordenação de atividades colaborativas, alguns grupos passaram a desenvolver uma conversação linguística convencional. Outros, ao invés de simplesmente repreender um indivíduo do grupo, começaram a desenvolver normas morais e racionais que passaram a servir de guia para todos os membros daquele grupo. Temos a emergência de normas linguísticas e sociais que não podem ser compreendidas simplesmente a partir da perspectiva do próprio indivíduo, mas que são compreendidas a partir da perspectiva do grupo. Conforme explicita Abrantes⁶⁴, a cultura passa a ser encarada como um “processo de coordenação social” e não mais como um “processo de transmissão”. Ao criar normas e linguagem, os grupos que conseguiam, além de manter uma coesão maior entre os membros, também transmitir esse bem imaterial do grupo às gerações futuras, conseguiam manter a estabilidade do grupo por muito mais tempo e, logo, ter sucesso evolutivo maior. Este processo foi chamado de *evolução cultural cumulativa* e é explicado por meio do chamado *efeito catraca*⁶⁵. O efeito catraca nos mostra como muitas das tradições culturais sofreram pequenas alterações ao longo do tempo e estas alterações foram assimiladas pela geração seguinte:

The ratchet effect occurs when good ideas of individuals are preserved and transmitted from one generation to the next rather than being lost with the death of the individual. Sociogenesis is the improvement upon an idea due to the collaboration of many different minds. Only if there is a ratchet effect sociogenesis

⁶⁰ TOMASELLO, Michael. *Becoming human: A theory of ontogeny*. Cambridge, London: Harvard University Press, 2019, p. 88.

⁶¹ TOMASELLO, Michael. *A natural history of human thinking*. Cambridge, London: Harvard University Press, 2014.

TOMASELLO, Michael. “How children come to understand false beliefs: A shared intentionality account”. In: *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 115, n. 34, pp. 8491-8498. Agosto 2018. <https://www.pnas.org/content/pnas/115/34/8491.full.pdf> (último acesso em 14/11/2019).

TOMASELLO, Michael. *Becoming human: A theory of ontogeny*. Cambridge, London: Harvard University Press, 2019.

⁶² TOMASELLO, Michael. *A natural history of human thinking*. Cambridge, London: Harvard University Press, 2014, p. 120-121.

⁶³ TOMASELLO, Michael. *Becoming human: A theory of ontogeny*. Cambridge, London: Harvard University Press, 2019, p. 3-4.

⁶⁴ ABRANTES, Paulo C. “Uma mente embebida na cultura”. In: *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea*, Brasília, v. 6, n.1, pp. 9-48, jul. 2018. <http://periodicos.unb.br/index.php/fmc/article/view/18649/20240> (último acesso em 10/03/2019).

⁶⁵ TOMASELLO, Michael; KRUGER, Ann Caie; RATNER, Hillary Horn. “Cultural learning”. In: *Behavioral and Brain Sciences*, v. 16, pp. 495-552, 1993. https://www.researchgate.net/publication/231950897_Cultural_Learning/link/0f317537fc34a2765b000000/download (último acesso em 31/10/2019).

can take place reliably, because only with inter-generational transmission ideas can be slowly improved upon by many different minds.⁶⁶

O resultado desse processo para as crianças humanas significa nascer em um mundo em que um conjunto de normas, práticas e objetos já está estabelecido e é fruto da criação de vários outros indivíduos, ao longo de muitas gerações:

The result is that human children are born into a world in which most of the tasks they are expected to master are collaborative inventions either explicitly so because they were created by contemporaries who engaged in collaborative learning, or in the derived sense that many individuals over time have contributed to the current form of an artifact, convention, or skill.⁶⁷

O grupo passa a se guiar por uma ordem cultural objetiva, que pode ser compreendida por qualquer agente racional. Os indivíduos passam a interagir no mundo permeados por representações, normas e valores construídos coletivamente. Além disso, a linguagem possibilita que eles troquem experiências de diferentes tipos, que antes não estavam disponíveis, de forma muito mais diversificada e profunda. De acordo com Tomasello⁶⁸, essas mudanças no comportamento em grupo fazem com que os indivíduos passem, não mais a contrastar a sua perspectiva com a perspectiva de um outro indivíduo específico, mas a contrastar sua perspectiva com o real, a verdade, os fatos, com a perspectiva de uma coletividade - de todos e de ninguém -, com uma perspectiva a partir de lugar nenhum:

Objectivity is a method of understanding. [...] to acquire a more objective understanding of some aspect of life or the world, we step back from our initial view of it and form a new conception which has that view and its relation to the world as its object. In other words, we place ourselves in the world that is to be understood. The old view then comes to be regarded as an appearance, more subjective than the new view, and correctable or confirmable by reference to it. The process can be repeated, yielding a still more objective conception.⁶⁹

O mundo de normas e regras objetivas habitado pelos humanos não é mais um mundo com uma ordem supernatural, mas um mundo coordenado evolutivamente. Os indivíduos desenvolveram normas, regras, práticas e técnicas válidas independente da perspectiva individual dos seres envolvidos, o que permitiu que a moral fosse vista como um conjunto de regras objetivas: “Because the collective intentionality and cultural common ground of modern humans created a kind of ‘objective’ perspective on things, modern human morality came to be characterized as objective right and wrong”⁷⁰. O que, segundo Tomasello, também permite uma internalização da justificação das normas, criando uma identidade junto à comunidade moral: “In this way, modern humans internalized not only moral actions but moral justifications, and so created a reason - based moral identity within the moral community”⁷¹.

⁶⁶ MAMELI, Matteo. “Modules and Mindreaders”. In: *Biology and Philosophy*, Netherlands, v. 16, n. 3, pp. 377–393, 2001. <https://link.springer.com/article/10.1023%2FA%3A1010605410437>(último acesso em 10/11/2019), p. 387.

⁶⁷ TOMASELLO, Michael; KRUGER, Ann Caie; RATNER, Hillary Horn. “Cultural learning”. In: *Behavioral and Brain Sciences*, v. 16, pp. 495-552, 1993. https://www.researchgate.net/publication/231950897_Cultural_Learning/link/0f317537fc34a2765b000000/download (último acesso em 31/10/2019), p. 508.

⁶⁸ TOMASELLO, Michael. *A natural history of human thinking*. Cambridge, London: Harvard University Press, 2014, p. 122.

⁶⁹ NAGEL, Thomas. *The view from nowhere*. New York: Oxford University Press, 1989, p. 4.

⁷⁰ TOMASELLO, Michael. *Becoming human: A theory of ontogeny*. Cambridge, London: Harvard University Press, 2019, p. 21.

⁷¹ TOMASELLO, Michael. *Becoming human: A theory of ontogeny*. Cambridge, London: Harvard University Press, 2019, p. 21.

Importante ressaltar que nenhum destes eventos pode ser realizado individualmente. O processo de criação de perspectiva e da emergência da objetividade é um processo realizado em conjunto com outros indivíduos, a partir do processo de maturação das crianças e da sua interação com outros seres. Para Tomasello, o processo de conceitualização é único nos humanos, porque eles o realizam a partir de uma forma de organização social-cognitiva de dois níveis:

Overall, then, we may say that much of human thinking – beginning early in ontogeny – is organized in terms of a relational-thematic-narrative dimension, and this makes possible everything from linguistic constructions, to complex metaphors, to the narratives (and narratively defined concepts) that help to define a culture. The claim is that this form of conceptualization is unique to humans because only they have come to construct over evolutionary and ontogenetic time a dual-level form of social-cognitive organization prototypically comprising shared goals and attention, on the one hand, and individual roles and perspectives, on the other.⁷²

Cada um dos indivíduos envolvidos precisa estar ciente de que compartilha uma experiência simultânea. E consciente de que cada um deles compartilha desta experiência a partir da sua perspectiva própria. É preciso que o indivíduo consiga perceber a diferença entre uma perspectiva objetiva e subjetiva. Tomasello explica este processo recorrendo ao conceito de *triangulação*, de Davidson. Davidson chama de triangulação a relação que fazemos para reconhecer a distância entre nós e um determinado objeto⁷³. Observamos um objeto, observamos sua posição com relação à nossa e com isso conseguimos identificar a distância entre nós e ele. Mas quando falamos em triangulação com relação à criação de um conceito objetivo, estamos nos referindo a uma triangulação que exige, pelo menos, duas pessoas:

Our sense of objectivity is the consequence of another sort of triangulation, one that requires two creatures. Each interacts with an object, but what gives each the concept of the way things are objectively is the base line formed between the creatures by language. The fact that they share a concept of truth alone makes sense of the claim that they have beliefs, that they are able to assign objects a place in the public world.

The conclusion of these considerations is that rationality is a social trait. Only communicators have it.⁷⁴

Para Davidson, somente indivíduos com uma linguagem proposicional desenvolvem um pensamento objetivo. Um dos aspectos cruciais destacados por ele é que somente humanos podem ter “[...] propositional attitudes such as belief, desire, intention, and shame”⁷⁵. A triangulação só é possível se o indivíduo possui tanto uma crença quanto a compreensão de que possui uma crença, ou seja, o *conceito* de crença. Para explicar a importância da crença, Davidson utiliza a ideia de surpresa. Segundo ele, para existir o fenômeno da surpresa, é necessário que se tenha o conceito de crença⁷⁶, bem como admitir que há uma realidade objetiva, para a qual eu posso “olhar” e verificar se minhas crenças são falsas ou verdadeiras: “To be surprised is to recognize the distinction between what

⁷² TOMASELLO, Michael. “The role of roles in uniquely human cognition and sociality”. In: *J Theory Soc Behav*, Early View, pp. 1-18, 2019. <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/jtsb.12223> (último acesso em 20/11/2019), p. 9.

⁷³ DAVIDSON, Donald. “Rational Animals”. In: DAVIDSON, Donald. *Subjective, Intersubjective, Objective*. Oxford: Clarendon Press, 2001. p. 105.

⁷⁴ DAVIDSON, Donald. “Rational Animals”. In: DAVIDSON, Donald. *Subjective, Intersubjective, Objective*. Oxford: Clarendon Press, 2001. p. 105.

⁷⁵ DAVIDSON, Donald. “Rational Animals”. In: DAVIDSON, Donald. *Subjective, Intersubjective, Objective*. Oxford: Clarendon Press, 2001. p. 95.

⁷⁶ DAVIDSON, Donald. “Rational Animals”. In: DAVIDSON, Donald. *Subjective, Intersubjective, Objective*. Oxford: Clarendon Press, 2001. p. 104.

we thought and what is the case. To have an expectation is to admit that it may be faulted⁷⁷. Vejamos o exemplo dado por Davidson⁷⁸: eu acredito que tenho uma moeda em minha carteira. Para ele, esta crença sugere que eu acredite que há uma realidade objetiva verdadeira que é independente das minhas crenças subjetivas. Se eu abro a carteira e percebo que não tenho nenhuma moeda nela, eu me surpreendo por ter uma crença falsa e percebo que a realidade é diferente da minha crença primeira e, portanto, passo a crer que minha crença não correspondia à realidade. A crença é necessária ao conhecimento:

Belief is a condition of knowledge. But to have a belief it is not enough to discriminate among aspects of the world, to behave in different ways in different circumstances; a snail or a periwinkle does this. Having a belief demands in addition appreciating the contrast between true belief and false, between appearance and reality, mere seeming and being.⁷⁹

Davidson⁸⁰ também enfatiza o papel da comunicação interpessoal como fonte para o desenvolvimento do conceito de verdade objetiva. Assim como, para Wittgenstein⁸¹, o princípio de “correção” ou “verdade” acerca do uso das palavras se dá por meio da comunicação: “Man versteht die Bedeutung eines sprachlichen Ausdrucks, wenn man seine Verwendungsregel kennt^{82 83}”; da mesma forma, para Davidson, “[...] only communication can supply a standard of objectivity in other domains [...]”⁸⁴. Mesmo a subjetividade é construída a partir daquilo que é recebido do mundo, deste mundo cultural e social construído por várias gerações:

Objectivity itself we have traced to the intersections of points of view—for each person, the relation between his own reactions to the world and the reactions of others. These differences are real. Our thoughts are 'inner' and 'subjective' in that we know what they are in a way no one else can. But though possession of a thought is necessarily individual, its content, is not. The thoughts we form and entertain are located conceptually in the world we inhabit, and know we inhabit, with others. Even our thoughts about our own mental states occupy the same conceptual space and are located on the same public map.⁸⁵

Objetividade, intersubjetividade e subjetividade estão relacionadas. Para Davidson⁸⁶, estas três formas de conhecimento formam um tripé, cujo bom funcionamento depende que os três pontos de vista estejam desenvolvidos e em sintonia.

⁷⁷ DAVIDSON, Donald. “The Problem of Objectivity”. In: DAVIDSON, Donald. *Problems of Rationality*. Oxford: Clarendon Press, 2004. p. 7-8.

⁷⁸ DAVIDSON, Donald. “Rational Animals”. In: DAVIDSON, Donald. *Subjective, Intersubjective, Objective*. Oxford: Clarendon Press, 2001. p. 104.

⁷⁹ DAVIDSON, Donald. “Three Varieties of Knowledge”. In: DAVIDSON, Donald. *Subjective, Intersubjective, Objective*. Oxford: Clarendon Press, 2001. p. 209.

⁸⁰ DAVIDSON, Donald. “Three Varieties of Knowledge”. In: DAVIDSON, Donald. *Subjective, Intersubjective, Objective*. Oxford: Clarendon Press, 2001. p. 209.

⁸¹ WITTGENSTEIN, Ludwig. *Philosophische Untersuchung; Philosophical Investigations*. Malden: Blackwell Publishers, 1999. Edição bilingue.

⁸² TUGENDHAT, Ernst. “Wittgenstein II: der Ausweg aus dem Fliegenglas”. In: TUGENDHAT, Ernst. *Selbstbewusstsein und Selbstbestimmung: Sprachanalytische Interpretationen*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997. p. 127.

⁸³ Na versão em português: “Compreende-se o significado de uma expressão linguística quando se conhece a regra de seu emprego”. (TUGENDHAT, Ernst. “Wittgenstein II: a saída da campânula”. In: *Novos Estudos CEBRAP*, n. 33, pp. 249-266, julho de 1992. <http://novosestudos.uol.com.br/produto/edicao-33/> (último acesso em 18/11/2017), p. 259).

⁸⁴ DAVIDSON, Donald. “Three Varieties of Knowledge”. In: DAVIDSON, Donald. *Subjective, Intersubjective, Objective*. Oxford: Clarendon Press, 2001. p. 210.

⁸⁵ DAVIDSON, Donald. “Three Varieties of Knowledge”. In: DAVIDSON, Donald. *Subjective, Intersubjective, Objective*. Oxford: Clarendon Press, 2001. p. 218.

⁸⁶ DAVIDSON, Donald. “Three Varieties of Knowledge”. In: DAVIDSON, Donald. *Subjective, Intersubjective, Objective*. Oxford: Clarendon Press, 2001. p. 219-220.

Os seres humanos desenvolveram características que possibilitaram uma linguagem proposicional e diferentes habilidades se desenvolvem a partir deste momento. Nenhuma delas, contudo, chega a seu ápice sem que o ser humano interaja com outros indivíduos. A interação é parte fundamental. O conhecimento que temos sobre o mundo e nossa ação no mundo é mediada pelas relações intersubjetivas.

5. Considerações finais

Os estudos de Michael Tomasello nos auxiliam a compreender a história natural humana. Como vimos na primeira parte do artigo, temos não somente uma intencionalidade *individual* (capacidade de reconhecer o outro como ser também dotado de intenção, característica que compartilhamos com outras espécies), como também temos a capacidade de desenvolver uma intencionalidade *conjunta* e *coletiva* (exclusivas da espécie humana). Estas diferentes formas de intencionalidade possibilitam o desenvolvimento da organização social humana. No artigo, vimos como se explica o desenvolvimento dos diferentes níveis de intencionalidade do ponto de vista evolutivo, ou seja, como se explica o desenvolvimento da intencionalidade compartilhada na espécie. Também vimos como se dá o processo no indivíduo: como as crianças, no seu processo de maturação, desenvolvem a intencionalidade compartilhada. Em ambas as explicações, um aspecto é essencial: a interação. Do ponto de vista evolutivo, a intencionalidade compartilhada surgiu da necessidade de cooperação entre indivíduos, para a sobrevivência da espécie. Do ponto de vista individual, só é possível desenvolver a intencionalidade compartilhada se o indivíduo for estimulado, por meio da interação, a desenvolver esta habilidade. É esta capacidade que permite ao ser humano criar a perspectiva de um *nós*, seja com um outro indivíduo, com um grupo de indivíduos ou mesmo a ideia de um *nós* que se refere à espécie humana. A noção de que existe um *nós* exige que se desenvolva uma perspectiva objetiva. Esta perspectiva possibilita que se desenvolvam relações interpessoais mais complexas e que as relações se orientem por normas e regras que valem para todos os envolvidos. A linguagem também é influenciada pela perspectiva objetiva: com o pensamento objetivo, a linguagem fica cada vez mais complexa e independente da situação imediata.

Além de auxiliarem a compreender a história natural humana, estes estudos auxiliam a compreender questões centrais para o pensamento filosófico. As respostas dos humanos às pressões evolutivas sempre foram no sentido de aumentar a cooperação entre os pares e isso resultou em um número cada vez maior de indivíduos com os quais se interagia. Foi essa complexificação da interação, seja em virtude do número de indivíduos, seja em virtude do grau em que ocorria, que permitiu que se desenvolvessem relações sociais mais complexas, com o surgimento de organizações sociais que hoje chamados de cultura e de moral. Junto a isso, temos o desenvolvimento da linguagem, que também se beneficiou do aumento do número de pessoas com os quais um indivíduo interagia. Com um número cada vez maior de indivíduos, se fez necessário criar mecanismos que auxiliassem os indivíduos a identificar aqueles que pertenciam ao mesmo grupo que eles e aqueles que cooperavam ativamente para a manutenção deste grupo. A linguagem foi essencial nesse processo. Os indivíduos precisavam, por um lado, deixar claro aos demais acerca do seu comprometimento com o grupo e, por outro lado, informar aos demais acerca daqueles indivíduos que não eram considerados bons pares colaborativos. Aqueles que conseguissem argumentar com mais clareza, apresentar e sustentar suas ideias – e fazer com que essas ideias valessem também para os demais membros do grupo – possuíam vantagens sobre os demais.

Os fundamentos da moral podem ser agora fixados em uma perspectiva naturalizada, como resultado de um longo processo evolutivo. Com isso, é possível estabelecer as bases para a compreensão de uma moral autônoma, baseada na necessidade que os indivíduos possuem de que as normas morais sejam justificadas reciprocamente, e não necessariamente por uma justificação externa à comunidade moral, como no caso de morais autoritárias. A moral surge da própria dinâmica social e da

necessidade de organização e diferenciação entre os diferentes grupos de indivíduos. Neste mesmo processo, temos o desenvolvimento da racionalidade humana, visto que ela se desenvolve juntamente com a complexificação das relações sociais e das habilidades e capacidades humanas que permitem e favorecem a vida em grandes grupos. Por isso, compreender a história natural humana também nos auxilia a compreender a racionalidade humana de um ponto de vista naturalizado.

É importante também destacar que, ao longo do artigo, foi possível perceber que as características distintivas da espécie humana, aquelas que nos diferenciam dos demais animais, só podem ser desenvolvidas se dois elementos estiverem presentes: *maturação* e *interação*. A maturação, sem a interação com os pares, não permite que as habilidades humanas sejam desenvolvidas. Qualquer teoria filosófica que não leve em conta o componente *interação* na sua explicação sobre as características distintivas da espécie humana precisa ser revista, já que a interação é o componente chave para o desenvolvimento do ser humano enquanto indivíduo distinto.

Para além de compreender a cultura, a moral, a linguagem, a racionalidade e todas as outras capacidades e habilidades humanas abordadas neste artigo como resultado da história natural humana e, com isso, poder compreendê-las sob uma perspectiva naturalizada, também é possível compreender como se dá o seu desenvolvimento, seja a nível individual, seja a nível da espécie. Isto nos permite conceber os desdobramentos que estas capacidades podem ter, a depender do tipo de relações, estímulos e interações que as sociedades e os indivíduos desenvolvem ao longo da vida. Esta compreensão traz implicações relevantes para diferentes áreas do conhecimento, como a filosofia e a educação. Por isso, é importante que a filosofia realize essa “tarefa integrativa”⁸⁷, que é a de trazer elementos de outras áreas do saber e analisá-las à luz do pensamento filosófico.

Referências

ABRANTES, Paulo C. A psicologia de senso comum em cenários para a evolução humana. *Manuscrito* – Rev. Int. Fil., Campinas, v. 29, n. 1, p. 185-257, jan.-jun. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/manuscrito/article/view/8643682/11198>>. Acesso em: 15 nov. 2019.

ABRANTES, Paulo C. Evolução humana: estudos filosóficos. *Rev. Filos. Aurora*, Curitiba, v. 25, n. 36, p. 75-105, jan.-jun. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/aurora/article/view/583/514>>. Acesso em: 11 Nov. 2019.

ABRANTES, Paulo C. Natureza e cultura. *Ciência & Ambiente*, Santa Maria, n. 48, p. 7-21, jan./jun. 2014. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/19403>>. Acesso em: 11 Nov 2019.

ABRANTES, Paulo C. Uma mente embebida na cultura. *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea*, Brasília, v. 6, n.1, p. 9-48, jul. 2018. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/fmc/article/view/18649/20240>>. Acesso em: 10 mar. 2019.

⁸⁷ Sterelny (STERELNY, Kim. *Thought in a Hostile World: The Evolution of Human Cognition*. Malden: Blackwell Publishing, 2003) afirma que um dos papéis da Filosofia é o de realizar uma função integrativa, conciliando pesquisas de diferentes áreas da ciência, de forma a garantir que os problemas discutidos pela ciência sejam estudados à luz do pensamento filosófico, sem ignorar as contribuições que possam auxiliar no avanço do pensamento.

DAVIDSON, Donald. Rational Animals. In: DAVIDSON, Donald. *Subjective, Intersubjective, Objective*. Oxford: Clarendon Press, 2001. p. 95-105.

DAVIDSON, Donald. Three Varieties of Knowledge. In: DAVIDSON, Donald. *Subjective, Intersubjective, Objective*. Oxford: Clarendon Press, 2001. p. 205-220.

DAVIDSON, Donald. The Problem of Objectivity. In: DAVIDSON, Donald. *Problems of Rationality*. Oxford: Clarendon Press, 2004. p. 3-18.

DENNETT, Daniel C. Intentional systems in cognitive ethology: the “panglossian paradigm” defended. *Behavioural and Brain Sciences*, v. 6, p. 343-90, 1983. Disponível em: <<https://ase.tufts.edu/cogstud/dennett/papers/Intentionalsystems1983.pdf>>. Acesso em: 10 Out. 2019.

DENNETT, Daniel C. Making Tools for Thinking. In: SPERBER, Dan (Ed.). *Metarepresentations: a multidisciplinary perspective*. New York: Oxford University Press, 2000. p. 17-29.

DUNBAR, Robin. Culture, honesty and the freerider problem. In: DUNBAR, Robin; KNIGHT, Chris; POWER, Camilla (ed.). *The evolution of culture: An interdisciplinary view*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1999. p. 194-213.

DUNBAR, Robin. On the origin of the human mind. In: CARRUTHERS, Peter; CHAMBERLAIN, Andrew (Eds.). *Evolution and the human mind: modularity, language and meta-cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 238-253.

EVERETT, Daniel L. *How language began: the history of humanity’s greatest invention*. New York: Liveright Publishing Corporation, 2017.

GREENE, Joshua. *Moral Tribes: emotion, reason and the gap between us and them*. New York: The Penguin Press, 2013.

MAMELI, Matteo. Modules and Mindreaders. *Biology and Philosophy*, Netherlands, v. 16, n. 3, p. 377–393, 2001. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1023%2FA%3A1010605410437>>. Acesso em: 10 Nov. 2019.

MAMELI, Matteo. Mindreading, Mindshaping, and Evolution. *Biology and Philosophy*, Netherlands, v. 16, n. 3, p. 597-628, 2001. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1023%2FA%3A1012203830990>>. Acesso em: 10 Nov. 2019.

MERCIER, Hugo; SPERBER, Dan. Why do humans reason? Arguments for an argumentative theory. *Behavioral and Brain Sciences* v. 34, 2011, p. 57-111. Disponível em: <<https://www.dan.sperber.fr/wp-content/uploads/2009/10/MercierSperberWhydohumansreason.pdf>>. Acesso em: 26 Fev. 2019.

MERCIER, Hugo; SPERBER, Dan. Reasoning as a social competence. In: H. Landemore, H.; Elster, J. (eds.). *Collective Wisdom: Principles and Mechanisms*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p. 368-392. Disponível em: <http://www.dan.sperber.fr/wp-content/uploads/2012_mercier_reasoning-as-a-social-competence.pdf>. Acesso em: 25 Dez. 2019.

MERCIER, Hugo; SPERBER, Dan. *The Enigma of Reason*. Cambridge, Massachusetts, 2017.

NAGEL, Thomas. *The view from nowhere*. New York: Oxford University Press, 1989.

ORIGGI, Gloria; SPERBER, Dan. Evolution, communication and the function of language. In: CARRUTHERS, Peter; CHAMBERLAIN, Andrew (Eds). *Evolution and the human mind: modularity, language and meta-cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 140-169.

SPERBER, Dan. Metarepresentations in an Evolutionary Perspective. In: SPERBER, Dan (Ed.). *Metarepresentations: a multidisciplinary perspective*. New York: Oxford University Press, 2000. p. 117-137.

STERELNY, Kim. *Thought in a Hostile World: The Evolution of Human Cognition*. Malden: Blackwell Publishing, 2003.

TOMASELLO, Michael. *The cultural origins of human cognition*. London: Harvard University Press, 1999.

TOMASELLO, Michael. *Origins of human communication*. Cambridge: The MIT Press, 2008.

TOMASELLO, Michael. *A natural history of human thinking*. Cambridge, London: Harvard University Press, 2014.

TOMASELLO, Michael. *A natural history of human morality*. Cambridge, London: Harvard University Press, 2016.

TOMASELLO, Michael. Commentary on Philip Pettit's The Birth of Ethics. In: PETTIT, Philip. *The birth of ethics: reconstructing the role and nature of morality*. New York: Oxford University Press, 2018. p. 333-346.

TOMASELLO, Michael. How children come to understand false beliefs: A shared intentionality account. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 115, n. 34, p. 8491-8498. Agosto 2018. Disponível em: <<https://www.pnas.org/content/pnas/115/34/8491.full.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

TOMASELLO, Michael. *Becoming human: A theory of ontogeny*. Cambridge, London: Harvard University Press, 2019. Livro eletrônico.

TOMASELLO, Michael. The role of roles in uniquely human cognition and sociality. *J Theory Soc Behav*, Early View, p. 1-18, 2019. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/jtsb.12223>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

TOMASELLO, Michael; GONZALEZ-CABRERA, Ivan. The Role of Ontogeny in the Evolution of Human Cooperation. *Human Nature*, v. 28, n. 3, p. 274-288, setembro 2017. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007%2Fs12110-017-9291-1>>. Acesso em: 04 Ago. 2018.

TOMASELLO, Michael; KRUGER, Ann Caie; RATNER, Hillary Horn. Cultural learning. *Behavioral and Brain Sciences*, v. 16, p. 495-552, 1993. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/231950897_Cultural_Learning/link/0f317537fc34a2765b000000/download>. Acesso em: 31 Out. 2019.

TUGENDHAT, Ernst. Wittgenstein II: a saída da campânula. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 33, p. 249-266, julho de 1992. Disponível em: <<http://novosestudios.uol.com.br/produto/edicao-33/>>. Acesso em: 18 Nov. 2017.

TUGENDHAT, Ernst. Wittgenstein II: der Ausweg aus dem Fliegenglas. In: TUGENDHAT, Ernst. *Selbstbewusstsein und Selbstbestimmung*: Sprachanalytische Interpretationen. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997. p. 114-136.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Philosophische Untersuchung; Philosophical Investigations*. Malden: Blackwell Publishers, 1999. Edição bilíngue.

Doutora em Filosofia (Unisinos)
Professor do IFTO, Campus Palmas
E-mail: vivianebraga@gmail.com